



A BIOLOGIZAÇÃO DO MACHISMO NO LIVRO O REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO

Mylla Maggi Vieira da Costa¹
Joseval dos Reis Miranda²

RESUMO

O determinismo biológico é o que impulsiona a perpetuação e afirmação de comportamentos misóginos e machistas em “O remorso de Baltazar Serapião”, de Valter Hugo Mãe. Na narrativa, a figura da mulher mãe, irmã, esposa, prostituta e bruxa são construídas com base na dominação e perpetuação das relações assimétricas entre o gênero masculino e o feminino. O corpo, o sexo e das percepções cognitivas da mulher são constantemente deformadas, esmagadas e violentadas. O artigo objetiva suscitar uma análise do discurso patriarcal cristalizado na obra tendo como base teorias aliadas ao movimento feminista, como Bourdieu (1998) e Simone de Beauvoir (1967), dentre outros teóricos. O trabalho se organizará em duas partes. Na primeira, iremos abordar a desnaturalização do determinismo biológico na sociedade, com o intuito de desnudar crenças e teorias machistas. Na segunda parte, analisaremos fragmentos da obra literária em que discursos biologizantes se fazem presentes como justificativa para a marginalização dos corpos e das mentes femininas. A partir do vínculo entre as duas partes, obtivemos a possibilidade de identificar que os ideais deterministas marcam de forma abrupta todo o percurso do livro.

Palavras-chave: Biologização, Relações assimétricas, Movimento feminista, Gênero.

INTRODUÇÃO

O livro o remorso de Baltazar Serapião, de 2006, do autor português Valter Hugo Mãe, está dividido em vinte e oito capítulos e narra à história de um vilarejo, situado em uma Idade Média não muito definida historicamente e temporalmente, com personagens peculiares que nos apresentam relações violentas, excludentes e de dominação, principalmente, masculina, que possuem a capacidade de prender o (a) leitor (a) através da fluidez e genialidade que o autor constrói os discursos existentes no livro.

Tendo em vista as relações violentas apresentadas durante a narrativa, com base nos pressupostos do movimento feminista, de Pierre Bourdieu (1998), Judith Butler (2015) e Simone de Beauvoir (1967), este artigo tem por objetivo analisar a reprodução da identidade, forjada pelas relações de poder patriarcais, do sujeito mulher utilizando-se de estratégias que

¹ Graduanda em Letras Português. Universidade Federal da Paraíba - UFPB. João Pessoa, Paraíba, Brasil. myllamaggi@gmail.com

² Professor Doutor em Educação pela Universidade de Brasília- UnB. Atualmente é professor e pesquisador adjunto IV, em Regime de dedicação exclusiva da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Centro de Educação – CE, no Departamento de Metodologia da Educação – DME, josevalmiranda@yahoo.com.br



biologizam o machismo no livro “o remorso de Baltazar Serapião” do escritor Valter Hugo Mãe, além de buscar uma interpretação analítica de aspectos intrínsecos à obra.

Nesse sentido, a nossa pesquisa parte da análise bibliográfica da obra já mencionada, constituindo-se uma abordagem qualitativa de pesquisa por meio do estudo de caso. Além disso, fizemos um levantamento bibliográfico sobre autores que versam sobre as questões de gênero.

Para uma melhor sistematização da nossa pesquisa, o trabalho está dividido em dois principais momentos. No primeiro apresentaremos teorias sobre a construção discursiva, social e cultural de gênero, que desmistifica a ideia biologizante que por séculos foi tida como verdade e que serviu de justificativa para a violência sofrida pelas mulheres. Na segunda seção analisaremos alguns trechos do livro, em busca de vestígios da reprodução e utilização do discurso patriarcal hegemônico, para tentar justificar e sustentar a violência contra a mulher.

2 GÊNERO COMO CONSTRUÇÃO DISCURSIVA, SOCIAL E CULTURAL: A DESNATURALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES ASSIMÉTRICAS DE GÊNERO

O determinismo biológico foi o combustível que alimentou e alimenta as grandes instituições sociais e econômicas no decorrer dos séculos. O gênero é usado como justificativa para promover e reproduzir assimetrias de cunho trabalhista, relacional e violento. Há uma gama de teorias replicadas principalmente por forças religiosas ligadas à questão biológica que faz uso de questões como estatura, peso, massa corpórea, capacidade cognitiva, dentre outras especificidades. Tudo isso também se deve ao fato de o senso comum excluir o gênero como parte constituinte do indivíduo social e associar uma pessoa inteiramente ao sexo em que está inserida. Sobre isso, temos:

[...] os corpos de homens e mulheres não originam essências ou naturezas femininas e masculinas (Carvalho, 2011). Antes, são as formas de compreensão das diferenças e semelhanças entre esses corpos que determinam como os mesmos são apreendidos socialmente. A partir das diferenças percebidas entre os sexos, constrói-se todo um sistema simbólico sobre mulheres e homens (Scott, 1995), o qual repercute em praticamente todos os aspectos das sociedades ocidentais: a divisão sexual do trabalho, o acesso à educação, a violência sexual, entre outros. Uma decorrência dessa visão é que o gênero fica aberto à mudança histórica. Por mais que habitemos em uma sociedade que separa, de forma extremamente binária, um sexo masculino e um feminino, não podemos generalizar que todas as culturas, ao longo da história, adotaram tal perspectiva. Voltando ao exemplo de Laqueur (1990) a respeito da noção das mulheres enquanto “homens invertidos” que perdurou até o século XVIII, podemos adicionar que por mais que as diferenças anatômicas dos sexos fossem reconhecidas, essas diferenças não serviam de base para uma visão tão bipolarizada

e oposicional de gênero: duas “naturezas”, duas “essências” e dois “cérebros” antagônicos; um de Marte, outro de Vênus (SOUZA; ZEQUINI, 2012, p.18).

Ao tratar das diferenças, vemos que, historicamente, o parâmetro a ser comparado entre os gêneros é sempre o homem, aquilo que as mulheres têm e eles não. É sempre colocado como uma coisa ruim, que leva a pensarem o sexo feminino como frágil e destinado a serem diferentes dos homens, por isso, menores. Bourdieu (1998) discorre sobre a utilização dessas diferenças biológicas em conformação mítica à relação arbitrária da dominação masculina sobre o feminino. Por isso se configura essa percepção enraizada em uma sociedade patriarcal.

Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de naturezas, inscritas na objetividade das variações e dos traços distintivos (por exemplo, em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir ao mesmo tempo que as “naturalizam”, inscrevendo-as em um sistema de diferenças, todas igualmente naturais em aparência; de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo, sobretudo pelos ciclos biológicos e cósmicos (BOURDIEU, 2002, p.8).

Segundo Simone de Beauvoir (2016, p. 11), “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade”. No livro “o segundo sexo”, no qual essa frase está presente e é dividido em dois volumes, a filósofa encara o gênero como uma construção discursiva, social e cultural e busca, com isso, superar a perspectiva do determinismo biológico que, durante séculos, destinou aos sexos identidades “imutáveis” que resultaram em relações de poder excludentes, violentas e de dominação estrutural entre homens e mulheres.

Em uma perspectiva mais moderna, Judith Butler (2015), em seu livro “Problemas de gênero: determinismo e subversão da identidade” questiona o caráter cristalizado do machismo na naturalização ou biologização da feminilidade de ser mulher. O gênero, por anos confundido com sexo biológico, sustentou-se em relações hierárquicas de poder baseando-se em diferenças biológicas. Em seu livro, a autora propõe o questionamento: “Ser mulher constituiria um “fato natural” ou uma performance cultural, ou seria a “naturalidade” constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas?” (BUTLER, 2015, p. 9)

Para contestar verdades universais que se mantiveram estáveis durante anos, o movimento feminista surge como uma reação à institucionalização da permanência e perpetuação das relações assimétricas na sociedade. Isso não significa que antes do

surgimento do movimento as mulheres não se incomodavam com o patriarcado compulsório, mas, que, foi a partir do encontro, aglomeração e troca de ideias entre uma quantidade considerável de mulheres que os ideais de igualdade começaram a fazer uma diferença real na sociedade. A primeira onda feminista (século XIX) foi marcada pelo direito ao voto, sendo, contudo, marcada por uma simpatia ao liberalismo. A segunda onda (a partir dos anos cinquenta até os anos noventa) trouxe à tona questões ligadas à sexualidade e direitos reprodutivos. Entra em ação o feminismo radical. Através dessa onda, foi possível suscitar o debate em relação ao determinismo biológico, que tanto atrasou, ceifou e prejudicou a vida de bilhões de mulheres (como atualmente ainda ocorre).

3 A REPRODUÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER ATRAVESSADAS POR IDENTIDADES PRODUZIDAS PELO PATRIARCADO NO LIVRO “O REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO”

A dominação masculina que existe socialmente construída está atrelada ao discurso que usa apontamentos de diferenças biológicas para legitimar a inferioridade feminina para com o homem. Isso acontece pela necessidade de desde os princípios o ser humano entender as coisas no mundo em sistemas de oposições homólogas³, por isso, as semelhanças nas diferenças formam sistemas de oposição, e, por conseguinte, um jogo de poderes. A partir das performances diferenciadas do corpo feminino e masculino, o personagem principal do romance naturaliza a inferioridade através da diferença dos ciclos naturais e normais – não inferiores, apenas diferentes – das mulheres. Como podemos ver quando ele narra à menarca de Brunilde:

[...] minha mãe roubou-a de nossos olhos, furiosa com o destino, e todos soubemos que se cobririam uma à outra de segredos, semelhantes e porcas de corpos, condenadas à inferioridade, à fraqueza. Um corpo que as obrigava, sem falta, a uma maleita reiterada, como um inimigo habitando dentro delas, era pior que se podia esperar, um empecilho de toda a perfeição, e tão belas se deixavam quanto doloridas e acoissadas. Por isso eram instáveis, temperamentais, aflitas de coisas secretas e imaginárias, a prepararem vidas só delas sem sentido à lógica (MÂE, 2006, p.19).

A diferença entre os sexos, principalmente anatômica, pode ser utilizada como justificativa natural para a diferença socialmente construída, segundo Bourdieu. Pelo fato da ordem masculina dispensar justificção (BOURDIEU, 2002, p.9), ela se constitui como a forma neutra no discurso e na sociedade, por isso é aquela a qual deve ser comparado ou subordinado o outro gênero, no caso, o feminino.

³ BOURDIEU, P. *A dominação masculina*, 2ªEd: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. (p. 8)

Ao falar sobre a irmã e a mãe, Baltazar associa a menstruação à podridão do corpo feminino e suas particularidades. Esse corpo é posto como inimigo da mulher, que é submetida a tão penosa situação de calamidade. Notamos que Baltazar, assim como a maior parte dos personagens do romance, só diferem elogios ao gênero oposto quando tal gênero está em posição de subserviência perante os homens. Na citação acima, podemos notar, também, que Brunilde e a mãe são postas num lugar de união e semelhanças nas dores. A menstruação associa-se, inclusive, à cognição. Soa como uma maldição.

[...] a menstruação não apenas traz consigo a conotação de um sistema produtivo que fracassou na produção, como também transmite a noção de uma produção desvirtuada, fabricando produtos sem uso, fora das especificações, invendáveis, desperdícios, sucatas. Por mais repugnante que possa ser, o sangue menstrual irá sair. Uma produção desvirtuada é também uma imagem que nos enche de horror e consternação (MARTIN, 2006, p. 93).

Martin (2006) evidencia a faceta do que é entendido e associado à menstruação. Ou seja, se a função maior da mulher habita na procriação, a menstruação seria um fator relacionado à fraqueza, à falha, à infertilidade do ventre que deveria florescer em abundância.

[...] mas deus quis que eu fosse este homem e tu a minha mulher, como tal está nas minhas mãos completar tudo o que no teu feitio está incompleto, e deverás respeitarme para que sejas respeitada. nada do que eu te disser deve ser posto em causa, a menos que enlouqueças e me autorizes a pôr-te fim (MÃE, 2006, p. 48).

Neste sistema de oposições entre os gêneros, a superioridade masculina vai se legitimando através de suas diferenças biológicas, através de sistemas de valores que se baseiam na mítica da superioridade masculina. A significação simbólica dos valores em características biológicas se afirma e se naturaliza, por exemplo, quando o pênis assume uma posição ereta, acima, por isso considerado superior a genitália feminina. Ou, por exemplo, pelo fato de os órgãos sexuais masculinos serem para “fora” e a vagina ser para “dentro”, legitima a falta de completude feminina que necessita da parte de fora do homem para “encaixar” e se completar. A noção de incompletude da mulher também abre espaço para o conservadorismo a respeito da sexualidade feminina, como a vagina é um órgão que não é exposto para fora, a própria noção simbólica da interioridade remete a uma repressão de algo que não é liberto, é enclausurado.

Podemos conferir na seguinte passagem: “ergui as mãos a cara e tentei acreditar que me casaria com a Ermesinda. a bela rapariga a esconder os olhos, e como dedicaria meus dias a enchê-los da minha imagem, para que viesse a sua condição de mulher apenas da minha

condição de homem.” (MÃE, 2006, p.25), o discurso machista que reitera que a condição de mulher da Ermesinda apenas seria afirmada e consolidada a partir do casamento com o Serapião, onde ela seria finalmente completa.

Temos no matrimônio um lugar de resignação, missão e destino. Em *O remorso de Baltazar Serapião*, uma menina não pode fugir a essa sagrada celebração. Isso, claro, se a garota for virgem, “pura”.

O casamento conserva em grande parte esse aspecto tradicional. E, antes de tudo, impõe-se muito mais imperiosamente à jovem do que ao jovem. Há ainda importantes camadas sociais em que nenhuma outra perspectiva se propõe a ela; entre os camponeses a celibatária é um pátria; fica sendo a serva do pai, dos irmãos, do cunhado; o êxodo para as cidades não está a seu alcance; o casamento, escravizando-a a um homem, faz dela dona de um lar (BEAUVOIR, 2016, p.190).

No romance temos exemplos de mulheres que não são “feitas” para casar, como é o caso de Teresa Diaba, que mantém relações sexuais com todos os homens da cidade. O prazer feminino é posto num lugar de obscuridade, vulgaridade e pecado. O fato de ela gostar das relações é motivo de julgamentos. Teresa é, inclusive, igualada a um animal que “lembra” uma mulher:

[...] a Teresa diaba era quem vinha muito por mim. Parecia uma cadela no cio, farejando, aninhada pelos cantos das árvores e dos muros, à espera de ser surpreendida por macho que a tivesse. Era toda carne viva, como ferida onde se tocasse e fizesse gemer. Abria-se como lençóis estendidos e recebia um homem com valentia se queixa nem esmorecimento. Era como gostava, total de fúria e vontade, sem parar, a ganhar de prazer. [...] era como um animal que fizesse lembrar uma mulher [...] (MÃE, 2018, p.36)

Durante o livro, podemos enxergar como de fato as mulheres são apenas constituídas como sujeito a partir da relação com o homem. Pois, a condição de mulher das personagens só se concretiza a partir do casamento com as personagens masculinas.

Assim, a definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças. A representação da vagina como um falo invertido, que Marie Christine Pouchelle descobriu nos escritos de um cirurgião da Idade Média, obedece às mesmas oposições fundamentais entre o positivo e o negativo, o direito e o avesso, que se impõem a partir do momento em que o princípio masculino é tomado como a medida de todas as coisas (BOURDIEU, 2002, p.11).

Valendo-nos da teoria de “A construção social dos corpos” de Bourdieu (1998), percebemos como as diferenças do corpo são artifícios para a naturalização da inferioridade feminina. É uma construção que parte de ações-pensamentos. Os hábitos que foram

consolidados a longo da história que se sustenta a partir de uma sexualidade de tudo sobre todas as coisas faz com que a categoria de gênero seja responsável pela divisão dicotômica do feminino e masculino. A partir dessa oposição, desenvolveu-se o jogo de poderes e dominação.

Em *O remorso de Baltazar Serapião* por diversas vezes é justificada a agressão física/psicológica e todos os tipos de abuso pelo fato de mulheres serem inferiores e por isso, dignas de opressão e agressão, pois, são dominadas pelo sexo oposto. Por isso ser uma mítica e ter se consolidado como costume sociocultural, o patriarcalismo é confirmado e rebatido em outras horas. Por exemplo, no diálogo de Serapião com a bruxa queimada que ronda a casa dos sargos e os acompanha em viagem até a casa de El Rei:

[...] homem de verdade consome-se de carnes, é normal. Nada normal para mim que recuso ser de homem, nada quero que homem algum me toque. E porque te casaste. sempre fui casada por pais ou homens que me mandassem, mulher solteira é má de vida e fica sem trabalho nem amizades. Pois mulher minha apanha tanto quanto deve, até que se ensine de tudo o que lhe digo [...] agradeço sinceridade, mas abduco de razões femininas, mulher é coisa de pouca sabedoria e nenhuma estabilidade, o que pensam hoje, amanhã não sabem. é perigoso que se ouça coisa que digam, assim que te abduco de proferires palavra, só palavras de sobrevivência te refiro, resto disso nada. Como queiras. Como quero. Peço perdão (MÃE, 2006, p.110).

A personagem é uma forte representação daquela mulher que não se submeteu a essa opressão. Visto que, na história, muitas mulheres foram queimadas principalmente pela Igreja Católica por serem consideradas profanas. Todas essas mulheres que não obedeciam aos dogmas eram consideradas bruxas. O termo de “bruxa” admite uma simbologia de algo que é místico, o que vai de encontro com a ideologia cristã. Percebemos neste diálogo a recusa da bruxa para com os homens, o que afirma uma “necessidade” que é mítica e não natural, de que mulher precisa de homem. A partir das respostas de Serapião vemos que ele sustenta a mítica, admitindo que sua a mulher apanha o quanto “deve” e que “mulher é coisa de pouca sabedoria”, justificando suas agressões e abuso a partir de uma inferioridade que na realidade não existe.

Podemos perceber durante a história a simbologia mística que a personagem da bruxa tem, pelo fato de considerarem que as mulheres que se rebelam ou vão de encontro à opressão dominam algum tipo de magia para fazer mal aos homens. Retomamos a ideia de que tudo que a mulher tem de diferente dos homens é para o mal e pesa do lado negativo. Assim pontua Bourdieu:

Simbolicamente votadas à resignação e à discrição, as mulheres só podem exercer algum poder voltando contra o forte sua própria força, ou aceitando se apagar, ou,

pelo menos, negar um poder que elas só podem exercer por procuração (como eminências pardas). Mas, segundo a lei enunciada por Lucien Bianco ao falar das resistências camponesas na China, as armas do fraco são sempre armas fracas. As próprias estratégias simbólicas que as mulheres usam contra os homens, como as da magia, continuam dominadas, pois o conjunto de símbolos e agentes míticos que elas põem em ação, ou os fins que elas buscam (como o amor, ou a impotência, do homem amado ou odiado), têm seu princípio em uma visão androcêntrica em nome da qual elas são dominadas (BOURDIEU, 2002, p.21).

Vemos que quando as diferenças que as mulheres têm dos homens, quando utilizadas para resistir ou se sobressair de alguma forma para encontrar como lidar com os tipos de opressões as quais está sujeita na sociedade, elas são consideradas armas facilmente destruídas por apelarem para a mítica das diferenças femininas serem sempre algo carregado de simbologia negativa. Lembremo-nos do mito de Adão e Eva, onde o pecado só se estabeleceu porque Eva ofereceu a Adão o fruto proibido. Podemos perceber explicitamente como isso acontece em outra passagem de Serapião:

[...] é que as mulheres deus dá conhecimento de algo que não dá aos homens, como a concepção e como sentidos intuitivos para saber de acontecimentos antes de lhe dizerem. Por isso leem os olhos e sinais imperceptíveis que os homens não conseguem ver, como se tivessem forças sem nome a montar sobre tudo o que facilmente se conhece. Isso é coisa de bruxa (MÃE, 2006, p.113).

Vemos que ele se vale de chamar de “bruxa” todo e qualquer sinal mínimo de transgressão e que foge à regra do que é ser “normal” e “bom” que é ser homem. Volta-se sempre ao parâmetro comparativo do sexo masculino como neutro para naturalizar a inferioridade e comprovar maldade nas ações-pensamentos das mulheres. Retomamos a ideia de Bourdieu e a associação das habilidades conferida às mulheres e não aos homens, como sendo sempre utilizada para o mal.

Insuficientes para subverter realmente a relação de dominação, tais estratégias acabam resultando em confirmação da representação dominante das mulheres como seres maléficos, cuja identidade, inteiramente negativa, é constituída essencialmente de proibições, que acabam gerando igualmente ocasiões de transgressão (BOURDIEU, 2002, p.21).

O sexo feminino, desde que estabelece no mundo seu lugar de mulher, está conferido a uma cultura dominante misógina e que toma suas diferenças como sinais de malevolências. Quando, ao perceber seu estado de vítima, propõe-se a combater essas injustiças é duramente reprimida e exterminada. A mulher que luta por diminuir essa injustiça e desmistificar a inferioridade é classificada como alguém anormal, ou como uma bruxa.

Dessa foram, o lugar da mulher que luta, então, sempre se apresenta como um lugar de revolução a uma cultura que já está fortemente enraizada. De acordo com Glória Steinem (1934)⁴, as mulheres devem apresentar ideias extremistas diante da crença de que os homens vieram ao mundo para controlar as mulheres. Visto que, a raiz dessa injustiça é que fazem crescer essas flores do mal. Fazendo uma correlação a uma passagem de Hugo Mãe: “cada flor vale muito, e muitas ferram pés como lobos”.

⁴ Glória Steinem (1934) é jornalista, feminista e escritora estadunidense. Criou e editou a revista feminista. Dentre seus inúmeros artigos, destacam-se "A verdadeira Linda Lovelace" e "Se os homens menstruassem". No Brasil, foi publicado o livro “Memórias da transgressão”, uma coletânea de artigos publicados ao longo de vinte anos de carreira. Também foi lançado em 1992, pela Editora Objetiva, o livro *A Revolução Interior - Um Livro de Autoestima*, uma das suas obras mais lida nos EUA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da nossa análise, foi possível concluir como o discurso produzido pelas personagens homens, principalmente pelo protagonista, do livro “O remorso de Baltazar Serapião”, do autor português Valter Hugo Mãe, reforça a ideia biologizante de gênero, que, durante séculos, sustentou e justificou as relações de poder assimétricas e violentas entre homens e mulheres.

A narrativa nos apresentou uma constante tentativa de naturalização dos estereótipos, excludentes e violentos, cristalizados historicamente a partir das vontades de verdade produzidas pelo patriarcado, de gênero. Sustentando, a partir da utilização do determinismo biológico, a dicotomia machista e misógina entre homens e mulheres, que, no livro, desencadeia recorrentes violências e dominações masculinas entre as personagens. Estes, que a todo o momento, fazem questão de reforçar e reproduzir a identidade, criada pelo discurso hegemônico patriarcal, do sujeito mulher.

Notamos, ao fim do estudo, que foi possível, através da análise, sustentar e atender aos nossos objetivos outrora detalhados, ou seja, conseguimos, de fato, identificar evidências biologizantes na obra, bem como interpretamos fragmentos chaves em comunhão com os nossos teóricos aqui apresentados.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: A experiência vivida*. 2. Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 2ª ed: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8 ed: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- MÃE, Valter Hugo. *O remorso de Baltazar Serapião*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- MARTIN, Emily. *A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2006.
- SENKEVICS, Adriano Souza; POLIDORO, Juliano Zequini. Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade. *Revista da Biologia* 9(1): 16-21, 2012.
- STEINEM, G. *Memórias de transgressão: momentos da história da mulher do século XX*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1997.